



Em sete dias o repórter viajou mais de 2 mil quilômetros sobre uma Honda Twister, cruzando o Rio Grande do Sul, o Uruguai e a Argentina até a capital Buenos Aires. E de volta a Porto Alegre

Estrada afora

■ TIAGO MEDINA

Há quem diga que para se ter uma vida completa é necessário escrever um livro, plantar uma árvore e ter um filho. Porém, aos motociclistas é acrescido: “Desbravar novos horizontes sobre duas rodas”. Como livro e filho são dois planos que não tenho para agora – e a árvore eu já plantei faz tempo –, a meta de levar a minha Honda Twister para longe furou a fila.

Até março deste ano, nunca havia rodado mais de 100, 150 quilômetros com ela. Para a sua estreia, o destino escolhido foi Buenos Aires. Na ida, o trajeto cruzou o Rio Grande do Sul, adentrou o Uruguai por Rivera e deixou a banda oriental por Paysandu, com destino a Rosário e, de lá, à capital argentina.

Na volta, costeamos o Uruguai e retornamos a Porto Alegre via Pelotas. Foram mais de 2 mil quilômetros rodados sem pressa durante sete dias.

Nesta aventura, meu pai e sua BMW G 650 – ambos veteranos de estrada – foram junto. E com eles já aprendi muita coisa. Algum resumo segue nesta página.

Planejamento da viagem é fundamental

Antes de engatar a primeira marcha rumo a qualquer lugar, vale sempre lembrar de algumas dicas fundamentais: revisão, equipamento e roupa adequada nunca são demais. Logo, separe, no mínimo, aquela jaqueta e as luvas de couro para levar, assim como uma boa capa de chuva, porque sabe-se lá o que o clima nos reserva.

Além disso, é recomendável levar o bom humor e a boa vontade. Viajar de moto é ser olhado com um misto de admiração e curiosidade por desconhecidos. E eles sempre dão um jeito de puxar papo, perguntar de onde se vem, para onde se vai e saber mais da viagem.

Elásticos e mochila são bons companheiros também. Levar roupa e acessórios para uma semana inteira em uma única moto pode ser complicado, se não houver seleção. É preciso definir o que realmente será útil. Supérfluos podem muito bem ficar em casa.

Ao longo de todo o trajeto, realizávamos paradas periódicas a cada 100, 150 quilômetros. Após tanto tempo montado, uma esticada nas costas, uma lavada no capacete e um café são sempre bem-vindos. Costumeiramente, a Twister aguenta tranquila pelo menos 250 quilômetros sem pedir gasolina – a BMW roda com maior autonomia.

Em especial nas proximidades de Porto Alegre, tanto a BR 290 quanto a BR 116 exigem uma do-



A fama de ótimas rodovias do Uruguai se comprova até em pequenos lugares

se a mais de atenção devido ao movimento maior. Afora isso, vale atentar sempre aos possíveis resquícios de óleo na pista, deixados pelos milhares de caminhões que por ali já passaram. Um tombo na estrada pode significar o fim da linha. Ou no mínimo do joelho.

Adentramos o Uruguai por Rivera e pegamos a Ruta 5 rumo a Tacuarembó e, no dia seguinte, a Ruta 26. A fama de ótimas rodovias no país vizinho ainda se justifica, especialmente pela boa sinalização, em qualquer cidade. Porém, algumas ressalvas devem ser feitas: o movimento de carretas por lá cresceu bastante nos últimos anos, conforme o desgaste do asfalto já comprova. Mesmo assim, seguem bem menos movi-

mentadas que as estradas daqui.

Entretanto, ao menos na rotas pelas quais passamos, as rodovias argentinas apresentaram melhores condições no trecho até Rosário e depois até Buenos Aires. Só são cobrados pedágios de motocicletas nas proximidades da capital argentina. No Uruguai são de livre passagem, com exceção do que faz fronteira com a Argentina.

As duas motos resistiram bem à viagem. A Twister chegou ao seu máximo de cruzeiro na Ruta 9, no trecho entre Rosário e Buenos Aires, onde o limite é de 120 km/h – e onde os argentinos gostam de pisar fundo no acelerador. Nas ultrapassagens chegava aos 130 km/h. Mais que isso – e não muito – só nos declives.

Anotações do diário de viagem

- A gasolina charrua e portenha, sem adição de álcool, aumentou o consumo, mas garantiu mais potência. O preço do litro no Uruguai chega à casa dos R\$ 4, enquanto na Argentina é mais barato que na maioria das bombas de Porto Alegre.
- Manter-se conectado com a família enquanto estivemos fora não chegou a ser entrave. Diferentemente do Brasil, é comum postos no Uruguai e em boa parte na Argentina disponibilizarem conexão Wi-Fi gratuita. Há Instagram e Twitter!

- Falando em Internet, o Google Maps é um aplicativo muito útil para os viajantes. Já para os familiares dos viajantes, o Google Latitude é um software bacana para acompanhar a localização em tempo real.

- Optamos por não viajar à noite. Sem pressa ou compromisso de chegar a tal lugar. Apenas metas diárias, conseguimos manter a média de 500 quilômetros rodados por dia. O trecho mais longo foi logo no primeiro dia: 611 quilômetros entre Porto Alegre e Tacuarembó.

- Um alongamento no corpo é sempre

bom. Após três dias de viagem, a tendinite no punho – problema comum a jornalistas – atacou. O fim de semana em Buenos Aires acabou servindo de repouso e tala na mão.

- Assim como agrupar todos os alfarrábios em uma moto para pegar a estrada é difícil, também é complicado resumir uma semana de viagens em uma página. Se quiser saber mais, acesse o blog <http://telhadotiago.wordpress.com>. Lá tem muito mais.



Já no primeiro dia, 611 quilômetros rodados